



Instituto de Investigação e Formação Avançada

Paula Maria da Silva Simões

**Guardiões da Paisagem - Os montes
alentejanos. Lugares de memória.**

Tese apresentada à Universidade de Évora para a Obtenção
do Grau de Doutor em Artes e Técnicas da Paisagem

Orientadora: Professora Doutora Aurora Carapinha

Évora 2015



Instituto de Investigação e Formação Avançada

Paula Maria da Silva Simões

**Guardiões da Paisagem - Os montes
alentejanos. Lugares de Memória.**

Tese apresentada à Universidade de Évora para a Obtenção
do Grau de Doutor em Artes e Técnicas da Paisagem

Orientadora: Professora Doutora Aurora Carapinha

Évora 2015

AGRADECIMENTOS

À minha querida Professora Doutora Aurora Carapinha um pouco por tudo. Pelo exemplo e pela amizade com que sempre me presenteou. Pela partilha e disponibilidade, pelo 'colinho', paciência e compreensão. Pela orientação em toda a minha desorientação e por tornar tudo tão óbvio e tão simples. Por me ter mostrado que o copo estava '*meio cheio*' a minha gratidão sem medida e a minha enorme admiração.

Às minhas princesas Alice e Joana por terem conquistado comigo esta etapa. Pelas maravilhosas filhas que são, pela tolerância e amor incondicional que sempre me deram neste longo percurso mesmo quando não lhes prestei a devida atenção é a elas que dedico esta conquista.

Aos meus pais pela preocupação constante comigo e com as "meninas" e pelo tempo que não lhes dediquei. Ao meu pai também pelos medronhos do fato.

Aos meus irmãos (incluindo os 'emprestados'), aos meus sobrinhos e ao Nuno pelo incentivo, pelo apoio prático e pela energia positiva com que me privilegiaram.

À minha querida Catarina, pelo apoio incondicional e pela ajuda preciosa na orientação dos perfis.

À Teresinha pela força que sempre me deu.

À minha querida Rute, pela amizade e por todas as vezes que tão carinhosamente me aliviou das minhas tarefas. Na reta final pelo esforço e empenho na revisão das normas e da bibliografia.

Ao Pedro pela bibliografia, esclarecimentos e informações que sempre me facilitou.

Ao Professor Doutor Alexandre Cancela d'Abreu pela bibliografia, fotografias, pelo saber partilhado e por me ter dado o privilégio de participar no "Atlas das Paisagens" que tanto agora me ajudou.

Ao Nuno Récio pela disponibilidade permanente e ajuda na construção das representações digitais.

Aos proprietários dos montes que visitei e ao sr. José Matias pelo conhecimento, memórias e saber partilhados.

A todos os outros amigos e colegas que me apoiaram e tornaram mais fácil este percurso.

RESUMO

Guardiões Da Paisagem – Os Montes Alentejanos. Lugares De Memória

Constituirá o monte alentejano um elemento que reforça a estrutura da paisagem do alentejo? Como e porquê se perpetua o monte alentejano no desenho daquela paisagem? Como se explica a sua permanência na paisagem de um alentejo que (ainda hoje) se esvazia. Esta permanência significa cultura ou inércia?

É possível que na sua identidade contenham uma herança do sítio que configuram. Questionamo-nos como, quando e porquê surgem estes conjuntos na paisagem e para que época nos remetem. Suscita-nos também a curiosidade de entender porque alguns se transformam em assentos de lavoura. Numa visão transdisciplinar pretendemos entender a herança cultural e espacial que os assentos de lavoura abraçaram e perpetuaram na paisagem. Procurando de que forma é que esta tipologia reflecte as estruturas ideológicas fundiárias e preserva/valoriza o desenho da paisagem.

A história económica, social, e cultural marcou decisivamente a paisagem do alentejo no séc. XIX. Por intermédio de uma transformação agrícola o alentejo viu a sua memória vinculada à identidade cultural da história do trigo.

Acreditamos que aquelas estruturas constituem lugares de memória e cremos também que, e claramente, se assumem como um valor paisagístico, cultural, patrimonial e identitário da Sociedade Agrícola do alentejo do final do século XIX e decurso do século seguinte. Defendemos que os montes transformados em assentos de lavoura constituíam o coração das herdades do trigo.

Para tal, necessitamos estudar de que forma os factores sociais, políticos e económicos determinaram/proporcionaram o surgimento ou a preservação daquelas estruturas num sítio que inicialmente poderia ter sido determinado, somente, por factores bióticos e abióticos. Apela-se às abordagens teóricas e metodológicas ligadas à história económica, à ecologia, à geografia, à arqueologia, à antropologia e às ciências sociais e humanas, um auxílio na

criação de pontes e fornecimento de dados que permitam caracterizar e entender/interpretar a história daquela paisagem e atestar a necessidade que defendemos de compreender o porquê e o como é que aquelas estruturas vieram reforçar e reconhecer no desenho da paisagem o valor do sítio, daquele sítio, perante uma nova realidade histórico-cultural.

E, apesar de nos debruçarmos e construirmos a nossa dissertação a partir da paisagem transformada pelas alterações¹ políticas, sociais e económicas que ocorrem quando a aristocracia endinheirada se fixa no alentejo, não esquecemos que estas estruturas podem reflectir, ou não, formas de povoamento ancestrais e podem até plasmar algumas das antigas estruturas fundiárias do império romano.

Na reflexão de todos os saberes recolhidos, e assumindo que a paisagem é flexível, que é reflexo da sociedade e que mutável no tempo, queremos entender de que forma as sucessivas transformações podem ser comprometedoras para a identidade do espaço rural e como é que essas mudanças de usos que se vão impondo à paisagem fundamentam a transformação do monte em assento de lavoura.

Gostaríamos ainda de entender de que forma estes agrossistemas são determinantes, ou não, do desenho e da estrutura cultural da paisagem.² E se carregam toda uma bagagem histórica formada ao longo do séc. XIX. Na verdade, e muito curiosamente, apercebemo-nos de que a imagem do Celeiro de Portugal, mesmo que extinta na paisagem, é a imagem que ainda hoje permanece nítida na memória colectiva e é fomentada pelo turismo (o grande gestor das ilusões com as paisagens de ontem nohoje).

Palavras-chave: paisagem, ecologia, memória, alentejo, trigo

¹ *"Landscape change refers not primarily to the seasonal changes caused by nature, but changes brought man"* (Lörzing, 2005, pp. 91) e podem ocorrer na aparência, na estrutura, na forma e nas vivências de paisagem. A primeira forma de apreender essas alterações (vivencial) é, obviamente sentida, pelas variações na aparência visual que tomam.

² *"Cultural landscapes contribute to shaping local and regional identity and reflect history as well as coexistence of people and nature. Apart from negative traces human diverse interference in landscape there also shown positive influences where man shapes landscapes by means of traditional use, in conformity with natural conditions as well as conscious care, especially in rural areas and smaçç towns."* (HERNIK, 2009, pp. 20)

ABSTRACT

Landscape Guardians – “Montes Alentejanos”. Places of Memory

Does the “monte Alentejano” constitute an element that reinforces the structure of alentejo landscape? How and why “monte Alentejano” still perpetuates itself in the landscape design? How do we explain its permanence in a current alentejo landscape which is becoming empty? And does this permanence mean culture or inertia?

How, when and why does these sets appear on the landscape? Why does these seats of farming stands out in the landscape? Do they contain an identity, a site heritage that shapes them? How this typology does reflects the ideological land structures and preserves / enhances the landscape design? How and when did they emerge in the landscape and what epoch they reminds us?

In a transdisciplinary vision we aim to understand the cultural and spatial heritage that these seat crops embraced and perpetuated in the landscape. We believe that those structures are places of memory and we also believe that they clearly identify themselves as a cultural, a heritage and identity values of the alentejo Agricultural Society of the nineteenth century and of the landscape they represent.

For that we need to study how the social, political and economic factors provided the emergence or preservation of those structures in a specific place that could initially have been determined just by biotic and abiotic factors. We will also need the ecology, geography, history, archaeology, anthropology and the social sciences and humanities approach for this understanding and for the creation of links and provision of data to characterize and understand the history of that landscape attesting our advocacy to understand why and how those structures came to recognize and to strengthen the landscape design and the value of the site, before a new historical and cultural reality.

Despite our approach emerge from the landscape transformed by political, social and economic changes that occurred from the beginning of the nineteenth century (when an elite society - the moneyed aristocracy) binds on alentejo, we

should not forget that these structures may reflect, or not, ancestors forms of settlement and can mold some of the old structures in the Roman Empire.

Reflecting on all the collected bibliography and studied authors, and assuming that the landscape is changeable and flexible, and therefore it is on a permanent movement, we want to understand how the successive transformations can compromise the identity of the rural space and how these changes of uses which were imposed to the landscape support the transformation of the “monte Alentejano” and how these agroecosystems are determinants of the landscape design and its cultural structure.

Keywords: landscape, ecology, memory, alentejo, wheat.

SIGLAS, ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS

A.D.E. - Arquivo Distrital de Évora

A.D.B. - Arquivo Distrital de Beja

A.N./T.T. – Arquivos Nacionais / Torre do Tombo

B.N – Biblioteca Nacional

C.E.E. – Comunidade Económica Europeia

CCRA – Comissão de Coordenação da Região alentejo

D.G.O.T.D.U. - Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano

D.L – Decreto-Lei

ha - hectare

I.G.P. – Instituto Geográfico Português

I.N.E. – Instituto Nacional de Estatística

I.P.A. – Inventário do Património Arquitectónico

F.A.O. - Food and Agriculture Organization of the United Nations

P.A.C. – Política Agrícola Comum

P.R.O.T.A. – Plano Regional de Ordenamento do Território do alentejo

S.I.G. - Sistema de Informação Geográfica

ÍNDICE

Agradecimentos	5
Resumo	7
Abstract	9
Siglas, abreviaturas e acrónimos	11
Índice	13
Índice de Quadros	17
Índice de figuras	19
Índice de esquemas	21
Introdução	23
I PARTE – A paisagem do Alentejo até ao final do séc. XIX	31
Capítulo 1 – O poder da paisagem	33
1.1 – As várias dimensões da Paisagem Construção e Poder	33
1.2 – Biografia da paisagem Componentes.....	55
1.3 – Temporalidade e Materialidade dos ciclos longos	64
Capítulo 2 - Morfologia e Significado do alentejo no final do séc. XIX	89
2.1 – Estrutura Fundiária As Herdades	89
2.2 – 1899 Uma grafia para a paisagem.....	98
2.3 – O espaço de habitar. Os montes A Intemporalidade do monte alentejano.....	121
2.3.1 – Antes de 1899. Estudos de caso	142

2.3.1.1 - Herdade da Amoreira da Torre e Herdade da Amoreira de Cima	147
2.3.1.2 – Herdade de Água de Peixes	159
2.3.1.3 – Herdade do monte Branco da Serra	165
2.3.1.4 – Herdade da Lobata.....	173
II PARTE - A PAISAGEM DO TRIGO 1899 - 1960	177
Capítulo 1 - Paisagem do Poder O Trigo na construção da Paisagem do alentejo no final do séc. XIX	179
1.1 – O Celeiro de Portugal Resignificação da Paisagem Construção da representação	189
1.2 - Componentes sócio-culturais inerentes à cultura do trigo	192
1.2.1 - A Política e a economia como agentes modeladores da Paisagem.....	192
1.2.2 – Circulação, tecnologia e indústria.....	203
1.3 - A impotência da paisagem e do povo perante o poder da Nação	224
Capítulo 2 – Paisagem do trigo Uma paisagem sem rugosidades	235
2.1 – Temporalidade e Materialidade da Cultura do Trigo.....	237
2.2 – Do monte ao assento de lavoura	250
2.2.1 – Assentos de lavoura Estudos de caso	271
2.2.1.1 - Herdade do monte das Flores 	275
2.2.1.2 - Herdade do Barrocal.....	283
2.2.1.3 - Herdade do Sobral.....	291
2.2.1.4 - Herdade de Água de Peixes	297
2.2.1.5 - Herdade do Monte Branco da Serra	301
2.2.1.6 - Herdade da Lobata.....	305
2.3 – Declínio da temporalidade do trigo	307

Considerações finais..... 319

Referências bibliográficas..... 333

Anexo 1 - Ilustrações Axioma 5

Anexo 2 - Perfis de trabalho | Geomorfologia | Solos

Anexo 3 - Uso do Solo | Levantamento nas Memórias Paroquiais | 1758

Anexo 4 - Perfis | Uso do Solo Memórias Paroquiais | 1758

Anexo 5 - 1899 | Grafia para a paisagem

Anexo 6 - Texto ficcionado

Anexo 7 - Lei dos Cereais | 14 de julho de 1899

**Anexo 8 - Referência a montes, herdades, conventos ou mosteiros |
memórias paroquiais de 1758**

**Anexo 9 - Referência a montes e herdades | levantamento na carta agrícola
de Portugal | 1890**

Anexo 10 - Marcos temporais de referência

Anexo 11 - Uso do solo | 1985

Anexo 12 - Grafia para a “paisagem do trigo”

Anexo 13 - Uso do Solo e Grafia para a Paisagem | 2007

Anexo 14 - Narrativa gráfica > 1899-2007

ÍNDICE DE QUADROS

<i>Quadro 1 – Componentes biográficos da paisagem, ações em que se manifestam e consequências na estrutura e morfologia da paisagem.</i>	<i>56</i>
<i>Quadro 2 – Estimativas contemporâneas para a produção de trigo no período entre 1853-1909.</i>	<i>190</i>
<i>Quadro 3 – Ampliação da rede ferroviária entre 1884-1917.</i>	<i>219</i>
<i>Quadro 4 – Agentes intervenientes na formação da “paisagem do trigo”.Tipos de ação/pressão sobre a paisagem.</i>	<i>232</i>

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 Atlas de Fives, 1734.	46
Figura 2 – “Zé-povinho, burro de carga, escravo da banca portuguesa” Imagem simbólica do povo português criada no final do séc. XIX (1875).	52
Figura 3 – Linhas de referência traçadas para o desenvolvimento dos perfis de leitura e caracterização. s/ escala.	67
Figura 4 – Excerto do primeiro mapa de Portugal da autoria do cartógrafo português Fernando Alvaro Seco, datado de 1561. Fonte: Fonte: http://www.gravurantiga.com/mapas-e-documentos	68
Figuras 5 – Excerto do Mapa de Portugal- antigo reino de Portugal s/d.	69
Figuras 6 E 7 – Esboço Morfológico de Portugal Meridional.	70
Figura 8 - Unidades e Grupos de Unidades de Paisagem ao Sul de Portugal Continental.	71
Figura 9 - Principais formações montanhosas no alentejo. s/escala.	72
Figura 10 – Representação esquemática das bacias hidrográficas do alentejo. s/escala.	74
Figura 11 - Mapa dos distritos de Évora e Beja de Raúl Proença (1927).	80
Figura 12 – Charneca alentejana, óleo sobre madeira, (37,5 x 56 cm), 1880-1889 de António Carvalho de Silva Porto.	83
Figura 13 – Mapa com representação dos perfis e associação aos solos que interceptam s/escala.	84
Figura 14 – Representação esquemática da distribuição das culturas predominantes tendo por base os registos das Memórias Paroquiais de 1758.	103
Figura 15 – Representação esquemática da área coberta a sul pela Carta Agrícola e Corográfica de Gerardo Pery (1890/1905)	105
Figura 16 – Excerto da Carta Agrícola e Corográfica de Gerardo Pery nº188 (1890/1905)	106
Figura 17 – Esquema representativo da área em que se predominava o cultivo do trigo (referências Memórias Paroquiais (1758). S/ escala.	112
Figura 18 – Esquema interpretativo das áreas de montado e floresta. S/ escala.	114
Figuras 19 – O montado enriquecia e diversificava a paisagem com a variação de texturas, densidades e cor.	114
Figura 20 – O monte, singelo e tosco como evidência material da ruralidade alentejana.	122
Figuras 21 – Zona 5 (alentejo) e sub-regiões.	123
Figura 22 – Torre solarenga do monte da Amoreira da Torre.	128
Figura 23 – Torre das Águias.	129
Figura 24 – Torre solarenga da Herdade do Esporão.	129
Figura 25 – Torre solarenga do Solar da Camoeira.	130
Figura 26 – Torre solarenga da Solar da Sempre Noiva.	130
Figura 27 – Importância da água na definição do lugar de implantação do monte Branco da Serra. Proximidade do lugar de assentamento a um afluente da bacia da Ribeira de Toutalga.	131
Figura 28 – Importância da água na definição do lugar de implantação do Solar de Água de Peixes. Proximidade do lugar de assentamento a um dos afluentes da bacia da Ribeira de Odivelas.	132
Figura 29 – Disposição geográfica dos montes trabalhados em estudos caso neste trabalho.	143
Figura 30 – Monte Branco da Serra (4) vs área representação da área com maior afectação ao cultivo do trigo.	145
Figura 31 – Monte da Amoreira da Torre (1) e Monte da Amoreira de Cima (2) vs área representação da área com maior afectação ao cultivo do trigo.	146
Figura 32 – Réplica de três telas de Vitor Costa.	189

<i>Figura 33, 34, 35 e 36 – Os silos da EPAC. Elvas e Portalegre.....</i>	<i>212</i>
<i>Figura 37 – Distribuição geográfica dos 18 silos da EPAC que cartografámos para o alentejo.....</i>	<i>213</i>
<i>Figura 38 – Representação da Rede Rodoviária o Sul no período romano.....</i>	<i>214</i>
<i>Figura 39 – Representação esquemática das intenções para a Rede Ferroviária ao Sul do Tejo (Barreto, Palha e Santos). 1863.....</i>	<i>217</i>
<i>Figura 40 – Representação da Rede Rodoviária ao Sul do Tejo em1907.....</i>	<i>219</i>
<i>Figura 41 – Representação da Rede Ferroviária ao Sul do Tejo existente em 1907.....</i>	<i>220</i>
<i>Figuras 42, 43 E 44 – Relação de proximidade da linha de caminho-de-ferro ao monte das Flores. Apeadeiro do monte das Flores.....</i>	<i>223</i>
<i>Figuras 45 – Relação de proximidade da linha de caminho-de-ferro e da Estação de Alcáçovas ao monte do Sobral.....</i>	<i>223</i>
<i>Figura 46 – Cartaz evocativo do XXº aniversário da campanha do trigo (FNPT).....</i>	<i>229</i>
<i>Figura 47 – Área preferencial para o cultivo do trigo segundo os registos de Cary (1985). S/ escala.....</i>	<i>241</i>
<i>Figura 48 – Representação esquemática; a) área preferencial para a produção de trigo segundo Cary (1985); b) área de xistos; c) simulação da área onde tendencialmente se expandiu o cultura do trigo por sobreposição de a) e b). S/escala.....</i>	<i>242</i>
<i>Figura 49 – A sesta dos ceifeiros (alentejo), óleo sobre tela, (59 x 74 cm), 1918.....</i>	<i>245</i>
<i>Figura 50, 51, 52, E 53 – Registo fotográfico de algumas chaminés com a inscrição de datas. Estas inscrições referenciam obras, adições e alterações estruturais nos montes e que os proprietários querem recordar.....</i>	<i>257</i>
<i>Figura 54 – A adição de volumes formando um pátio. (monte Branco da Serra).....</i>	<i>261</i>
<i>Figura 55 – O monte Branco da Serra como exemplo da nova espacialidade que nasce pela construção do pátio.....</i>	<i>261</i>
<i>Figura 56 – monte da Cascalheira (Serpa). Levantamento publicado in Arquitetura Tradicional Portuguesa de Oliveira, Ernesto Veiga de, Galhano, Fernando (1998, des. 89).....</i>	<i>262</i>
<i>Figura 57 – monte da Diabrória (Zona dos Barros de Beja). Levantamento publicado in Arquitetura Tradicional Portuguesa de Oliveira, Ernesto Veiga de e Galhano, Fernando (1992).....</i>	<i>263</i>
<i>Figura 58 – A espacialidade do pátio. (Solar de Água de Peixes).....</i>	<i>264</i>
<i>Figura 59 – Pátio da área de produção e da residência dos trabalhadores e pórtico da entrada do Monte da Amoreira da Torre. Pórtico de entrada do Solar de Água de Peixes e brasão, ostentado à entrada do monte da Abegoaria.....</i>	<i>264</i>
<i>Figura 60, 61, 62 e 63 – A grandiosidade do monte da Abegoaria é visível a partir da paisagem. Diferentes aproximações ao assentamento.....</i>	<i>266</i>
<i>Figura 64 – monte das Flores. Axialidade do acesso principal.....</i>	<i>267</i>
<i>Figura 65 E 66 – monte do Barrocal. Axialidade do acesso principal.....</i>	<i>268</i>
<i>Figura 67 – monte da Abegoaria: entrada horto.....</i>	<i>269</i>
<i>Figura 68 – monte da Amoreira da Torre: jardim.....</i>	<i>269</i>
<i>Figura 69 – Solar de Água de Peixes: horto.....</i>	<i>270</i>
<i>Figura 70 – Disposição geográfica dos assentos de lavoura trabalhados como estudos de caso neste trabalho.....</i>	<i>271</i>
<i>Figura 71 – Área correspondente às Unidades de Paisagem absorvidas pela monotonia da paisagem do trigo (1985). s/escala.....</i>	<i>316</i>
<i>Figura 72 – Diversidade paisagem vernacular (>1899) vs Monotonia paisagem do trigo (1985). s/escala.....</i>	<i>317</i>